

EDUCAÇÃO CRIADORA: DISCUTINDO UM CURRÍCULO EM CONSTANTE MOVIMENTO¹

Wagner Ferraz² - Porto Alegre, RS, Brasil;

Fernanda Bertoncello Boff³ - Porto Alegre, RS, Brasil;

Resumo: Apresentando a proposta de um curso voltado para formação de professores, intitulado *Educação Criadora: Práticas Corporais e Ludopedagógicas*, que já realizou 04 edições, este texto discute a noção de educação criadora e seus processos que mantêm um currículo em constante movimento. Partindo da premissa de que o professor adquire conhecimento e os aplica em suas aulas, tem-se o seguinte problema: de que modo tratar de processos de criação de atividades pedagógicas, numa proposta que evita a ideia de aplicação e prioriza a experimentação e variação de atividades para aulas? Para isso discute-se a noção de educação criadora que coloca um currículo em movimento, através dos conteúdos/princípios do citado curso: experimentação, diferença/singularidade, movimento e variação. Assume-se por método a cartografia *deleuzeguarriana*, realizando um mapeamento com as pistas das edições já realizadas do curso, apresentando assim: organização do citado curso, as escolhas feitas que resultaram nos conteúdos/princípios elencados, apontamentos sobre atividades realizadas ao abordar cada um dos princípios, a importância dos registros realizados (escritos e fotográficos) e de que modo esses princípios são importantes para se pensar o movimento constantemente realizado no currículo do respectivo curso. As discussões são realizadas com o aporte de referências, como: CORAZZA e TADEU (2003), CORAZZA (2013), NÓBREGA (2005), FERRAZ e BELLO (2014) e FERRAZ

¹ **a) Apresentação do artigo:** Este texto foi apresentado no “IV Colóquio Luso-Afro-Brasileiro de Questões Curriculares” no “Eixo temático: 16 - Formação contínua de professores e inovação curricular”. O evento ocorreu nos dias 10, 11 e 12 de setembro de 2018, na Universidade de Lisboa, em Lisboa/Portugal. A citada apresentação pode ser conferida no Livro do Evento, na pág. 34, <https://www.coloquiocurriculo2018.ie.ulisboa.pt/download/807>. **b) Publicação do resumo:** O resumo deste texto foi publicado no presente evento e pode ser verificado no Livro de Resumos, na pág. 413, através do link: <https://www.coloquiocurriculo2018.ie.ulisboa.pt/download/851/>. **c) Como citar este artigo:** Para citar este artigo em sua versão atualizada: FERRAZ, Wagner; BOFF, Fernanda Bertoncello. Educação Criadora: discutindo um currículo em constante movimento. Educação Criadora, Porto Alegre, 2020.

² Professor, artista, pesquisador, gestor cultural e editor. Formação: 1) Graduação Tecnológica em Dança – ULBRA (2008); 2) Licenciatura em Dança – UFRGS (2018); 3) Licenciatura em Pedagogia – UNINTER (2020); 4) Pós-graduação lato sensu em Educação Especial – UNISINOS (2011); 5) Pós-graduação lato sensu em Gestão Cultural – SENAC (2010); 6) Mestrado em Educação – UFRGS (2014); 7) Doutorado em Educação em Ciências – em andamento – UFRGS (2020). Contato: ferrazwagner@gmail.com.

³ 1) Artista e professora nas áreas da dança e do circo; 2) Coordenadora do projeto “Pequenices: Arte e Educação”; 3) Licenciatura em Dança - UFRGS (2014); 4) Pós-graduação lato sensu em Educação Infantil - em andamento - SENAC (2020). Contato: fernandaboff@gmail.com.

(2015). Pode-se dizer que investir no movimento constante dos corpos, dos conteúdos/princípios, das atividades, das discussões, dos modos de registro, das linhas de variação que compõem as aulas do curso, possibilita pensar um currículo em movimento na proposta do Educação Criadora. Esse movimento se faz necessários para os processos de criação no campo da educação, onde os professores podem se ver e serem vistos como educadores criadores.

Palavras-chave: formação de professores, currículo, educação criadora, criação, experimentação.

POR UMA EDUCAÇÃO CRIADORA

O presente texto apresenta a proposta de um curso voltado para a formação de professores que busca desenvolver uma noção de *educação criadora* através de práticas com o corpo explorando a ludicidade, experimentação e imaginação, noções essas que indicam a escolha do nome do curso intitulado *Educação Criadora: Práticas Corporais e Ludopedagógicas*. Até o período de submissão do resumo deste texto para o presente evento, já haviam sido realizadas quatro edições do curso e posteriormente realizou-se mais uma.

Nessa proposta parte-se da tradicional premissa de que o professor adquire conhecimentos e os aplica em suas aulas, que o mesmo é o detentor de conhecimento e responsável por transmiti-lo, aplicá-lo a qualquer grupo, entendendo que isso fará com que todos aprendam da mesma forma. Nesse caso apresentado, não há muito espaço para que um professor proporcione momentos de experimentação e crie propostas para serem experimentadas. Porém, é justamente disso que vai tratar a proposta de *educação criadora*, buscando investir na experimentação, na criação, no movimento, não se fixando na ideia de aplicação de conhecimentos/conteúdos, mas buscando criar condições para novas propostas em educação no encontro com práticas corporais e as artes de modo amplo. Assim, tem-se o seguinte problema: de que modo tratar de processos de criação de atividades pedagógicas evitando a ideia de aplicação e priorizando a experimentação e variação de atividades para aulas?

Para tratar das questões problematizadas anteriormente, discute-se uma noção de *educação criadora*, que vem sendo desenvolvida, destacando-se assim um currículo colocado em movimento. Para isso, faz-se necessário apresentar os conteúdos/princípios do citado curso: experimentação, diferença/singularidade, movimento e variação. Estes serão desenvolvidos posteriormente.

Metodologicamente assume-se a cartografia *deleuzeguarriana*, apresentando pistas mapeadas das edições já realizadas do curso, destacando a organização do mesmo, os conteúdos/princípios elencados que são trabalhados, apontamentos sobre atividades realizadas ao abordar cada um dos princípios, observações sobre registros realizados (escritos e fotográficos), podendo assim discutir esses princípios como elementos importantes para se pensar o movimento constantemente realizado no currículo do respectivo curso.

A cartografia ocupa-se de acompanhar processos, de observar o que está acontecendo, por isso vem a ser adequada para essa proposta, pois discute-se processos que estão sendo realizados a cada edição do curso, os deslocamentos, as mudanças de percurso, os imprevistos, as (in)definições, os acasos, tudo aquilo que está em acontecer.

CRIAR E EDUCAR MOVIMENTANDO UM CURRÍCULO

O curso, aqui tratado, tem em sua organização a definição de ser desenvolvido a partir da experiência docente e artística dos professores ministrantes. Assim, o que se apresenta aos participantes e o modo como isso se desenvolve no decorrer do curso vem a ser efeito de escolhas feitas por esses ministrantes, escolhas decorrentes daquilo que está em seus repertórios de trabalho, de atuação, de experiências e de formação, ou seja, trata-se de uma questão de currículo. Pois todas essas escolhas constituem possibilidades que poderão fazer parte da formação dos professores/artistas e demais estudantes e profissionais que participam do curso. De acordo com Corazza e Tadeu (2003), não podemos “esquecer que todo currículo ‘quer’ modificar

alguma coisa em alguém, o que supõe, por sua vez, alguma concepção do que é esse ‘alguém’ que deve ser modificado” (p. 38).

Com isso é possível destacar que ao organizar o curso pensou-se em públicos específicos, cabe mais falar em públicos, pois não foi um só, tais como: professores da rede básica de ensino, professores de dança, teatro, educação física, alunos de licenciaturas, artistas e demais interessados. Não há uma única especificidade muito definida, mas há indicações que circunscrevem para quem o curso se dirige, porém deixa aberta a possibilidade de participação de demais interessados, o que possibilita discutir que “todo currículo carrega, implicitamente, alguma noção de subjetividade e de sujeito: ‘quem nós queremos que eles e elas se tornem?’; ‘o que eles e elas são?’”. (CORAZZA e TADEU, 2003, p. 38).

A delimitação do público mostra que esses “eles e elas” são pensados previamente, são entendidos como sujeitos de determinadas práticas e pensados como aqueles e aquelas que sofreram alguma modificação no decorrer do curso. Não se trata de um posicionamento impositivo que define ou garante uma modificação, mas sim de um posicionamento que entende, a partir dos estudos de currículo, que todas as escolhas realizadas para constituir um curso produzirão algo nesses e nessas que participam. E isso leva a seguinte preocupação: quais escolhas devem ser feitas, quais práticas, conteúdos, textos, discursos serão valorados para constituir essa proposta?

Todo projeto curricular que se preze tem a sua tábua de valores. No fundo, na visão tradicional, o currículo é isso: organizar a experiência de forma a transmitir, além do conhecimento, um conjunto bem definido de valores. O currículo é, assim, além de um empreendimento epistemológico, um empreendimento moral. A questão transforma-se, então, em saber quais são os valores que devem fazer parte do currículo e quais suas possíveis fontes. (CORAZZA E TADEU, 2003, p. 53).

Corazza e Tadeu (2003) destacam a possibilidade de se pensar os valores no currículo com o filósofo Nietzsche, deixando claro que nesse caso não se trata de priorizar a universalização dos valores, como colocado tradicionalmente. Nietzsche pensa a transvalorização dos valores, pois para ele “uma genealogia da moral tampouco está preocupada com a universalidade ou

não dos valores: sua preocupação é com a determinação das posições *particulares* a partir das quais se decretou aquela universalidade. (CORAZZA E TADEU, 2003, p. 54).

A partir disso, podemos pensar o que mais interessa na discussão curricular do presente curso, trata-se de valorar tudo aquilo que possa dar condições para que um educador, seja qual for sua posição nos públicos já citados, se reconheça e se sinta um educador criador, aquele que cria, que inventa, que movimenta, que altera, que difere, que olha para os modelos e hegemonias buscando possibilidade de fazer outras coisas. Por isso, a perspectiva aqui citada é cara para essa proposta e para discutir um currículo com essa, pois “uma teoria nietzschiana do currículo apelaria para uma contínua invenção, para uma permanente transvaloração de todos os valores do currículo”. (CORAZZA E TADEU, 2003, p. 55).

Podemos perceber que a organização desse curso foi realizada com a preocupação de manter o movimento de um currículo, e não fixar valores, aprendizagens, condutas, percursos a serem feitos... Se organizou o curso pensando que “eles e elas” poderão ter algo modificado em si, sejam afetados pelos processos que experimentam durante o curso, e que essa modificação não seja uma marca fixada e nem algo a ser modificado da mesma forma em todos, mas que cada um faça uso e assuma o seu potencial criador, se há algo que deve ser modificado que seja a possibilidade de reconhecer e exercitar uma potência da criação.

O curso tem carga horária de 14 horas ao todo, distribuídas em dois dias e 04 turnos, geralmente aos finais de semana. Cada turno é conduzido a partir de uma temática/princípio disparadores da noção de educação criadora. Essas temáticas são apresentadas também, previamente, por meio de um *Ebook* gratuito (disponível em: www.educacaocriadora.com) com informações gerais e fotos do curso. Esses conteúdos/princípios elencados surgem, como já mencionado, das experiências dos ministrantes como professores, como artistas, de suas pesquisas acadêmicas desenvolvidas em suas formações, no campo da educação, de práticas corporais e da dança. São quatro os princípios

escolhidos para compor o curso e uma noção de *educação criadora*, são eles: experimentação, diferença/singularidade, movimento e variação.

Todos os conteúdos/princípios aparecem em todos os momentos do curso, mas por uma organização didática, busca-se dar ênfase em cada um deles em momentos diferentes da proposta. Em cada turno um deles acaba sendo foco de atenção, de discussão e de exercício, sendo esse processo sempre diferente em cada edição curso. A seguir discute-se acerca desses conteúdos/princípios buscando fazer articulações com as discussões de currículo.

A *Experimentação* é abordada através de atividades de introdução ao curso, ao mesmo tempo em que convidam os(as) participantes a se lançarem no jogo da experimentação, entendendo as práticas corporais do curso em seu caráter ludopedagógico, além de apresentar pistas que serão desenvolvidas no decorrer do curso, como as possibilidades de produzir variações das atividades. Ferraz (2015) discute a noção de experimentação pensando com o filósofo *Gilles Deleuze*. Em um texto no qual discute essa noção, o autor narra uma disciplina ministrada em um curso de *Especialização em Educação Infantil*, e diz que em suas aulas

A experimentação foi pensada como a inferência realizada entre o que se experimenta e o que se passa a pensar com isso, o que se passa a criar com isso, tendo o movimento, o devir, a produção da diferença como possibilidade de variar. O corpo foi tomado como potência para a experimentação e criação. Assim a cada atividade experimentada pelas alunas/professoras, se discutia a partir da atividade, o que se passava a pensar com aquela experimentação e de quais outras formas se poderia fazer o que se experimentou. O que foi proposto não interessava mais tanto, mas o que estava em voga era o que se passava a criar. (FERRAZ, 2015, p. 221).

Durante o curso, a medida em que os participantes se colocam no exercício de experimentação das atividades propostas pelos ministrantes, vai se buscando observar e exercitar pequenas variações dessas propostas, alterando a própria atividade, podendo essa se tornar outra ou não. Assim se cria algo, se modifica um pouco a proposta, se vê possibilidades de fazer de outro modo aquilo que se está experimentando.

Essa noção de experimentação vai ao encontro do que se tem tratado por *Diferença/singularidade*, que vem a ser a constituição de um momento composto de atividades elaboradas com o intuito de aguçar o olhar, a escuta e a percepção de si e do outro para assim pensar uma diferença/singularidade em potência, aquilo que nos singulariza e não nos iguala. Não se trata de destacar algo como estranho ou como errado, não está em jogo uma diferença por comparação, aquela na qual se compara e faz grupos por afinidades, semelhanças e aproximações, mas trata-se de ver o que difere por se constituir singular, um corpo que se singulariza nos processos educadores criadores, pois “(...) não se trata de incluir o corpo na educação. O corpo já está incluído na educação. Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais” (NÓBREGA, 2015, p. 610). E aqui, na discussão em questão, trata-se de se perceber em processo constante de se singularizar enquanto um educador criador que vive e proporciona esses processos no corpo, ou seja, com práticas corporais.

Nesse caso, conforme se vai realizando as atividades propostas, se exercita observar a singularidade das possibilidades de se realizar as mesmas. Trata-se mais do modo de operar nessas atividades do que o que a atividade se torna, trata-se mais uma variação de procedimento. Muitas vezes a atividade se mantém a mesma, mas cria-se modos diferentes de realizá-la, cria-se possibilidades.

Diferença/singularidade no currículo tratam do movimento de criação de atividades, assim como o movimento de constituição dos corpos. A noção de *Movimento* aparece no curso em atividades que tratam, também, da potência de um corpo (singular) em suas possibilidades de movimento, entendendo que existir é estar em movimento. Tem-se o gesto como possibilidade de disparo de uma criação e a composição com movimentos tomada por uma divertida brincadeira. Por isso “(...) o que interessa é pensar o que pode um corpo que se constitui no encontro com um currículo, tomando esse encontro como aquilo que coloca em variação a potência de agir”. (FERRAZ e BELLO, 2014, p. 214).

Para uma educação criadora faz-se importante pensar os corpos que se movimentam, o movimento de criação de aulas, de atividades e de didáticas,

produzindo assim movimento no currículo. Para Nóbrega (2015, p. 613), temos “o desafio de pensarmos um currículo mais flexível no sentido rizomático proposto por Deleuze & Guattari (1995), com conexões, rupturas, múltiplas entradas, novos territórios a serem explorados, sem buscar sínteses apaziguantes, fundamentos únicos, hierarquização”, mas estando atentos para perceber possíveis linhas de fuga que possam apontar para novas direções, novos espaços e lugares que acolham o corpo, o movimento, e a educação.

A medida em que se experimenta as atividades dessa etapa do curso, busca-se variar as possibilidades de mover dos corpos, busca-se outros elementos para ativar possíveis movimentos. Desse modo, vai se modificando as atividades investindo no mover, variando, criando assim, movimento com as próprias possibilidades de movimento.

Chegamos ao que se toma por *Variação* nesse curso. Trata-se de um processo no qual são realizadas algumas atividades, grande parte das vezes já conhecidas, na busca de produzir variações das mesmas, fazendo várias outras atividades a partir de uma mesma. Variando constantemente, fazendo uso de todos os conteúdos/princípios trabalhados no decorrer do curso. Para Ferraz (2015) quando vivemos um determinado processo para experimentar algo, os dados que chegam aos sentidos proporcionam uma experiência, mas essa experiência “pode acionar a criação de novas imagens, ou seja, se passa a pensar outras coisas que não se havia pensado até então, e isso que se passa a pensar com a experiência chamamos aqui de experimentação, uma criação, uma variação” (FERRAZ, 2015, p. 221).

Assim podemos pensar a variação de atividades, singularizando atividades e singularizando os corpos que se encontram com as propostas de um currículo movimentado pelo movimento desses corpos. Corpos esses que não são pensados como adequados ou não, que não vistos como copos que podem ou não alguma coisa, mas são entendidos em sua potência de agir.

(...) O que pode um corpo no encontro com um currículo? Não temos uma receita exata de tudo o que pode, não temos como mensurar, enumerar, classificar e definir tudo o que pode. Podemos ter expectativas, imaginar tendências, indicar possibilidades, traçar planos disciplinares para docilizar um corpo, mas não temos como saber o que de fato ocorrerá. Algumas coisas sairão como previsto,

mas outras provavelmente se darão de outro modo, outras não ocorrerão, outras entenderemos como erros, algumas como fruto do acaso, porém tudo o que for praticado/pensado por meio de um currículo será possibilidade de constituir um corpo. Assim um corpo será atravessado pelos saberes, discursos, valores, verdades produzidas no e por um currículo. (FERRAZ e BELLO, 2014, p. 214).

Nesse momento do curso, já se passou por todos os conteúdos/princípios, já foram realizadas diversas atividades e discussões, que indicam possibilidades de variar. A medida que se vai experimentando as atividades vai se investindo na variação, nos elementos que podem fazer com que a atividade se torne outra, e outra, e outra... Faz assim uso de diversos disparadores para acionar a imaginação e o olhar, buscando ver outras possibilidades, assim se cria sempre outra coisa. O que fica desses momentos dos cursos são os registros, além das reverberações dos/nos corpos. É com base nos registros que se aponta algumas questões a seguir.

REVERBERAÇÕES DE UMA EDUCAÇÃO CRIADORA

Durante o curso muitos registros são realizados para pensar o movimento constante do currículo, o movimento dessa proposta de curso, dos corpos, da noção de professor e de criador. Esses registros, anotações, fotos, vídeos e relatos escritos, apontam pistas para pensar uma noção de educação criadora. E é através das pistas desses registros que se escreve esse texto, pois através destes percebemos que algo se movimentou na vida e nos corpos dos participantes durante o curso e isso mantém o currículo em movimento, ao mesmo tempo em que possibilita que esse currículo dê condições para movimentar os corpos.

Conforme Ferraz (2015), se aceitarmos a possibilidade de um currículo modificar alguma coisa em alguém, não como idealização premeditada, mas como produção de diferença, constituição de si, fluxo, movimento, devir, podemos pensar que um corpo produz movimentos que coloca um currículo a dançar, fugindo da imagem de um currículo fixo. O autor pergunta e responde: “Mas como fazer isso? Proporcionando momentos de experimentações, de ações, de movimentar o corpo... Onde tudo o que está previamente

determinado, sirva de disparador para criar com o movimentar”. (Ferraz, 2015, p. 221).

Desse modo “o professor não se obriga a transmitir o conteúdo literal ou verdadeiro dos elementos originais científicos, filosóficos, artísticos; não faz cópia, dublagem ou fingimento; (...)” (CORAZZA e TADEU, 2013, p. 211), mas o professor/educador cria, inventa, varia, faz outra coisa com aquilo que já tem. Por isso a experimentação “com” movimentos se faz tão importante, pois não vem ao caso pensar em restrições disciplinares, mas sim uma transdisciplinaridade didática, através de um corpo que cria condições para a educação, um jogo constante com a didática no encontro com as diferenças/singularidades de cada um, com os processos de cada um, com a produção de cada um em seus campos de produção e de conhecimento, um exercício de encontros e de trocas.

Para criar em Didáticas, em que medida necessitamos de outros processos, como os literários, cinematográficos, musicais, plásticos, científicos, filosóficos? Quais as diferenças entre esses processos e os didáticos? Como desenvolver didáticas, a partir de um objeto, tema musical, fórmula matemática, passo de dança, fato policial, ritmo, melodia, pintura, filme, ensaio, romance? (CORAZZA e TADEU, 2013, p. 203).

Esse desafio lançado por Corazza (2013) movimenta a proposta do curso: Como criar aulas? Como criar atividades? Como criar didáticas? Como criar em educação? Como criar com o movimento dos corpos? Então, como diz Ferraz (2015) se o corpo tem seu lugar definido na educação (e na escola), esse lugar deve ser o lugar da experimentação. Lugar esse onde professores e alunos se colocam em experimentação, vivenciando diferentes práticas “com” o movimentar de um currículo, colocando um currículo e suas práticas em movimento, em ação, para assim criar outros modos de viver a educação e “tomar um currículo como espaço para experimentações e com isso criar” (FERRAZ, 2015, p. 221).

CONSIDERAÇÕES PARA SEGUIR...

O curso *Educação Criadora: práticas corporais e ludopedagógicas* busca investir no movimento constante dos corpos, dos conteúdos/princípios, das

atividades, das discussões, dos modos de registro, das linhas de variação que compõem as aulas do curso, possibilitando pensar um currículo em movimento. Movimento esse que pode ser pensando como as modificações que um currículo pode querer produzir em alguém, porém um currículo que não busca modelos, hegemonizações e universalismos, mas busca um movimento que possibilita criar. Assim como os próprios processos do curso que colocam o currículo em movimento.

Esse movimento se faz necessários para os processos de criação no campo da educação, onde os professores podem se ver e serem vistos como educadores criadores. Com isso podemos perguntar: Como manter os movimentos que podem mobilizar um currículo? Quais movimentos um currículo possibilita? Como “eles e elas” saem do curso, o que se tornam, há alguma modificação? Como os movimentos propostos reverberam pós-curso na vida desses e dessas que pelo curso passam? Como seguir a proposta do curso evitando a possibilidade de se fixar em um único pensamento/movimento/estado? Precocemente podemos dizer que devemos seguir em processo de experimentação e variação investindo em possibilidades de movimento levando em consideração a diferença e singularidade de cada um que participa do curso e de tudo aquilo que é produzido por esses.

REFERÊNCIAS:

- CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?**. Porto Alegre: Doisa, UFRGS, 2013.
- CORAZZA, Sandra, & SILVA, Tomaz Tadeu da (2003). **Composições**. Autêntica Editora.
- FERRAZ, Wagner, & BELLO, Samuel Edmundo Lopez. O que pode um corpo no encontro com um currículo. In: GAI, Daniele Noal & FERRAZ, Wagner. **Parafernalias II: Currículo, cadê a poesia?**. Porto Alegre: INDEPIn, 2014, v.1, p. 206-217. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/275779041/O-que-pode-um-corpo-no-encontro-com-um-curriculo-Ferraz-Wagner>. Acesso em: 08 jul. 2020.

FERRAZ, Wagner. Experimentação e variação em educação: criando com o movimentar de um currículo. In: **I Seminário Nacional – Formação pedagógica e pensamento nômade: experimentações curriculares**, 2015, Lageado: Ed. Da Univates, 2015, v. 1, pp. 218-226. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/275787720/Experimentacao-e-variacao-em-educacao-Criando-com-o-movimentar-de-um-curriculo-Ferraz-Wagner>. Acesso em: 08 jul. 2020.

NÓBREGA, T. P. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre o conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, pp 599-615, Mai/Ago, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.